



UM BREVE ENSAIO SOBRE CORPO E RELIGIÃO: RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

Ana Carolina Capellini Rigoni

Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Metodista de Piracicaba (PPG-CMH-Unimep). *E-mail:* anacarolinarigoni@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo, em forma de ensaio, teve como objetivo refletir sobre algumas questões que perpassam as relações entre “corpo e religião” no mundo contemporâneo. Para ilustrar algumas análises que emergem no meio acadêmico atual, reuni uma pequena amostra de exemplos sobre a íntima relação entre corpo e religião ao longo da história. A intenção foi demonstrar como, de modo geral, esses dois conceitos – geralmente analisados de maneiras distintas e distanciadas – devem ser pensados como fenômenos entrelaçados, que se transformam simultaneamente, em decorrência das transformações no seu próprio interior, mas que também dependem e se definem a partir de outras esferas e instituições.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Religião. Educação religiosa. Relação. Transformações.

1. INTRODUÇÃO

Os vales de Andorra, que é necessário penetrar a pé, abandonando as estradas entregues a torrente ininterrupta dos turistas,

abrigam aldeias empoleiradas, largamente desertas, mas que foram, no século passado, densamente povoadas. [...] Ora, cada uma destas aldeias é o esdrúculo de uma maravilhosa igreja, desse romântico lombardo tão característico da região. No centro deste universo [...], a igreja era o ponto fixo, o local onde se concentrava a vida da comunidade. As pessoas reuniam-se aí, para rezar mas também para discutir os assuntos comuns. A religião estava no coração da existência quotidiana. [...] hoje em dia já ninguém frequenta estas igrejas, salvo para admirar os traços culturais de um mundo desaparecido. Celebra-se ainda a missa aqui ou ali, mas de longe em longe. [...] Com certeza que este lugar atrai os amadores de turismo verde, os caminhantes ou os peregrinos de um género novo, à descoberta dos lugares espirituais de forte carga simbólica dos Pirineus. Nada a ver, todavia, com o fervor das multidões firmemente enquadradas pelo clero [...]. As preocupações da religião parecem completamente ausentes deste universo invasor do consumo e da troca mercantil. [...] Temos a surpresa de descobrir que uma catedral de cristal, de uma feitura arquitetônica vagamente futurista, ergue desde há pouco tempo uma imensa flecha de vidro sobre esta atividade comercial intensa. No adro do edifício, que impressiona pelas suas dimensões, aperta-se uma multidão numerosa: famílias, crianças, jovens, pessoas idosas. É a religião que os reúne? Não podemos duvidar de que uma forma particular de piedade está aí empenhada, nutrida de crenças, capaz de suscitar práticas rituais, esforços de ascetes e mesmo experiências de êxtase inéditas. O centro “termo-lúdico” que na realidade abriga a “catedral” de aço e de cristal, com suas piscinas quentes e frias, os seus “banhos egípcios”, as suas banheiras fervilhantes, as suas saunas e as suas salas de musculação, é de facto, num sentido, o lugar de um culto: culto do corpo, da forma física, da juventude indefinidamente preservada, da saúde e da realização pessoal, no qual se exprime qualquer coisa das expectativas e das esperanças dos nossos contemporâneos. Qualquer coisa a que o mundo tradicional da religião parece bem estranho e com o qual, todavia, estabelece um laço (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 17).

Este é um trecho da pequena história narrada por Hervieu-Léger (1999), quando ela faz uma visita à Universidade do Principado de Andorra. Ao narrar sua percepção do local

durante sua chegada, ela fala sobre um novo tipo de laço entre as práticas atuais e a religião. Ela se refere, justamente, a um tipo de ligação gerada pelas “impressões contrastadas”, pela “religião expulsa”, pela “presença maciça da secularização” ou pela forma de cultos de um “gênero novo” – termos utilizados pela própria autora para falar sobre as transformações que afetam a paisagem religiosa contemporânea¹.

É preciso sinalizar que o lugar termo-lúdico citado pela autora pode ser comparado às academias, aos clubes e a outros locais nos quais o quesito “culto ao corpo” é bastante estimulador. Esse tipo de exemplo demonstra, primeiramente, que os “cuidados de si” nunca estão sob a escolha própria, uma vez que são manipulados pelas diversas instituições que possuem interesse em mantê-lo sob determinada ordem, mas, acima de tudo, demonstra uma transformação na vida cotidiana na qual o que está em jogo é a relação do fiel (ou antigo fiel) com o seu corpo.

Este pequeno ensaio tem como objetivo refletir sobre as questões que perpassam as discussões a respeito de “corpo e religião” no mundo contemporâneo. Para abordar as visões e as análises que emergem do meio acadêmico atual, reuni uma pequena amostra de exemplos sobre o tema ao longo da história. A intenção foi demonstrar como a relação entre esses dois conceitos – conhecidos e geralmente analisados de maneiras distintas – deve ser pensada como um fenômeno entrelaçado, e os conceitos se transformam simultaneamente em decorrência das transformações no seu próprio interior, mas que também dependem e se definem a partir de outras esferas e instituições.

Em determinadas áreas do conhecimento, pensar o corpo significa pensá-lo exclusivamente como organismo biológico. No entanto, se levarmos em conta a biologia dos corpos, veremos que os seres humanos são todos muito semelhantes e

¹ Muitas das discussões produzidas a esse respeito alegam uma substituição dos valores morais (religiosos) por padrões corporais, estéticos. Isto é fato, e não tem como negarmos. Mas seria um erro afirmar que os padrões morais foram esquecidos. Os “cuidados de si” ainda são assunto em pauta nas igrejas, que, apesar de concederem certa maleabilidade no trato de tal assunto, ainda ditam e aconselham seus fiéis com vistas à “salvação”. Por mais que os objetivos das igrejas sejam “espirituais”, elas também estão preocupadas com um tipo de cuidado que é corporal. A igreja quer controlar o corpo, que é visto como o instrumento para o crente chegar à salvação. Portanto, ele precisa ser ensinado e, até certo ponto, vigiado.

ao avistarmos um membro de nossa espécie jamais teremos dúvidas em classificá-lo como alguém pertencente ao gênero humano. Mas é interessante pensar que, a princípio, isso é a única coisa que sabemos sobre ele. Seus gostos, seus modos de se comportar, a língua que ele fala e outros inúmeros aspectos de sua vida social só podem ser conhecidos após a aproximação e o contato com ele. Ainda que o corpo seja a primeira forma de identificação dos sujeitos, Jürgen Habermas (2007, p. 21) já afirmava: “O organismo do recém-nascido só consegue formar-se como homem mediante a assunção de interações sociais”. Ou seja, o homem possui uma natureza social. Segundo Habermas (2007, p. 21), a consciência é privada apenas na aparência, pois ela continua a alimentar-se, mesmo nas exteriorizações de suas sensações pessoais, dos fluxos da rede cultural de pensamentos públicos, expressos de modo simbólico e compartilhados intersubjetivamente. Somente nos tornamos conscientes de nós mesmos nos olhares que outro lança sobre nós, portanto, “Os olhares subjetivadores do outro possuem uma força individuadora”.

Ao contrário das explicações biológicas, normalmente utilizadas para justificar diferenças que não são de caráter natural mas cultural e, portanto, simbólicas, percebemos que é nas mudanças que ocorrem na sociedade que encontramos inúmeras respostas para as diferenças corporais existentes. O corpo é histórico, ele carrega consigo, na história do corpo individual, a história do corpo da humanidade (GOMES, 2006, p. 1). Ou seja, o corpo incorpora certo repertório de representações coletivas, oriundas de determinada cultura, num determinado intervalo de tempo. Sendo assim, o corpo tem uma história e também conta uma história, que, de certo modo, se confunde com a história social da humanidade.

Pensemos nas diversas classificações a que estamos submetidos desde o nosso nascimento. Classificações quase sempre de cunho biológico e que se naturalizam nas relações cotidianas que envolvem temas como gênero, raça, sexualidade e outros. Nesse sentido, gênero é confundido com sexo e as classificações se limitam a diferenciar macho e fêmea por seus órgãos reprodutores, ainda em termos de gênero, marcas como a docilidade e a fragilidade caracterizam “melhor” o feminino, enquanto o homem deve manter a virilidade e a força. Com

relação à sexualidade, por exemplo, ela é sempre pensada pelo viés da reprodução humana ou das doenças que podem ser transmitidas por meio do “ato sexual”. Em todos esses exemplos os aspectos culturais e sociais parecem ser ignorados, afinal o discurso biomédico parece “mais científico” e relevante.

Em meio a essas classificações naturalizadas, existe uma escala que vai do “ideal” ao “não recomendado”. Aqueles que mais se aproximam dos modelos – construídos socialmente mas tratados como naturais – têm mais valor no mercado dos bens simbólicos. Tomemos como exemplo as classificações às quais submetemos as crianças em idade escolar. Desde a infância, principalmente na escola, as classificações (biológicas) hierarquizam os corpos de forma muito clara. Aspectos anatômicos dão margem às classificações que pertencem ao mundo simbólico. É como se o mundo das relações sociais estivesse submetido à “loteria biológica”. Diferenciamos as crianças em aspectos, como: calmo e agitado, gordo e magro, coordenado e descoordenado e outros. Não devemos nos esquecer de que essas classificações pressupõem diferenças valorativas opostas, pois um é sempre tido como “bom” e o oposto, é claro, como “mau”. Trata-se, de certo modo, daquilo que Bourdieu (1999) chamou de “violência simbólica”.

Além disso, levando-se em conta as possibilidades de intervenção no corpo humano para “melhorá-lo”, seja a partir de simples produtos cosméticos ou por meio de cirurgias plásticas, os corpos tornam-se alvo de intenso consumo e se transformam em mercadorias por excelência. Criam-se produtos de beleza que renovam e garantem a eterna juventude. Na esfera da moda, roupas elaboradas exclusivamente para corpos magros e altos parecem garantir um lugar na vida social.

A alimentação também é um bom exemplo para pensarmos sobre o tema. Para muitos, ela é vista simplesmente como a ingestão de nutrientes para a sobrevivência do organismo. Dessa forma, ela é apropriada pelo discurso da saúde orgânica e, sob o título de “nutrição”, parece ganhar um caráter “mais científico”. Apropriando-nos do discurso médico da saúde, deixamos de lado o simples prazer de saborear uma refeição e apegamo-nos a suas características quantitativas. Na hora de escolher um alimento, o número de fibras e calorias interessam mais do que o sabor. A moda do *light* e *diet* tenta abolir o “sa-

boroso” e o “apetitoso”. É o equivalente a trocar prazer por eficácia. O fato é que, mesmo a nutrição estando próxima às ciências naturais, o caráter social da qual ela é produto e produtora não pode ser negado. A nutrição é pautada numa série de implicações de ordem cultural e social, como: autoimagem, culpa, rejeição, prolongamento da juventude etc. Se antes as interdições alimentares eram decorrentes dos jejuns ou crenças religiosas, hoje elas ganham novo caráter.

Como afirma Denise Sant’Anna (2005), tornam-se evidentes os saberes que disciplinam os corpos sob a justificativa da busca pelo “corpo ideal”, naturalizado na vida cotidiana. Em grande parte, essa ação disciplinarizadora é promovida pelo discurso midiático. Alguns exemplos podem ser as mulheres usadas como modelo no lançamento de marcas de vestuário, calçados e *lingeries*. Podemos citar, ainda, os programas de televisão, como os *reality shows*, que parecem fornecer o “padrão corporal adequado” a toda a população. Determinada parcela dos meios de comunicação, como alguns canais de televisão, é contraditória ao passo que coloca no ar propagandas com pessoas de corpos magros e, ao mesmo tempo, incita o consumo de bens alimentícios nada “saudáveis”. Sant’Anna ironicamente comenta que é como se a propaganda dissesse: “Coma, mas seja magra”.

Sob a gestão dos meios de comunicação de massa, o corpo humano é colocado em sua nudez em praça pública, para ser tutorizado por pedagogias que legitimam as características que “devem ter” aquele corpo (BRAGA, 2009). Os meios de comunicação de massa, de forma geral, propõem quais são as necessidades e os desejos na busca de uma suposta “felicidade”. E, para fazer uso de uma categoria cara a Pierre Bourdieu (2009), atores, atrizes e famosos que possuem corpos que se encaixam nos padrões impostos pela mídia e pelo mercado parecem ser exemplos bem-sucedidos na “economia dos bens simbólicos”. Bourdieu (1999), ao se referir ao corpo feminino, afirma que ele é objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. O autor refere-se ao corpo feminino como “o corpo para o outro”. Guardadas as devidas diferenças, creio que é possível fazer essa relação também com o corpo masculino, que na contemporaneidade vira alvo da disciplinarização tanto quanto o feminino.

O ponto central deste texto é que liga o cenário narrado ao “mundo das religiosidades” se encontra no fato de que, se antes, parecia haver um papel claro da religião no agenciamento desses corpos e modelos, todos os exemplos citados mostram que, hoje, os corpos não parecem mais definidos pela esfera religiosa (pelo menos não do mesmo modo e com a mesma intensidade). Se, antes, a religião, e principalmente a Igreja Católica, era a instituição que mais parecia ditar os modos de fazermos usos de nossos corpos, hoje ela parece competir com outras esferas agenciadoras do corpo. A ideia se aplica, inclusive, à relação de disputa entre Igreja Católica e outras religiões que se expandiram imensamente no último século. Procuramos demonstrar, aqui, qual é o papel da religião e como ela foi se acomodando às novas demandas corporais ao longo tempo, não deixando de exercer poder sobre os corpos, mas modificando e ressignificando a forma de agenciá-los.

As mudanças na esfera religiosa influenciaram diretamente as mudanças dos padrões corporais e comportamentais. Há, também, a possibilidade de formularmos essa afirmação ao contrário, uma vez que as mudanças são mútuas e dinâmicas. Não sabemos ao certo “quem transformou quem” e, nesse processo, é mais provável que tenham sido as novas demandas da vida social que geraram as mudanças na vida e na instituição religiosa. No entanto, a “ordem dos fatores” é o que menos importa para esta discussão. Essa trajetória pode ser visualizada numa linha temporal que pode ser traçada por mudanças simultâneas, desde aquele que consideramos como o período auge da dominação católica até os dias atuais, que propiciam a consolidação da pluralidade religiosa, já muito enfatizada por diversos autores.

São vários os exemplos que ajudam a compreender como o cenário vai se moldando aos novos discursos da vida social. Ainda que o texto apresente um caráter ensaístico, as ideias e os exemplos aqui apresentados são frutos tanto da revisão teórica abundante sobre o tema da religião como sobre dados empíricos, agrupados ao longo dos últimos anos de pesquisa de campo em igrejas e escolas, o que me permitiram a elaboração de algumas reflexões sobre corpo no mundo contemporâneo. Ainda que a maioria dos exemplos faça referência a um tempo passado, são as observações do presente que as tornam significativas.

2. O CORPO E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Apesar de o fenômeno religioso ser alvo de intensas discussões e de posições não consensuais, muitos pesquisadores colocam no centro do debate acadêmico a possibilidade ou não de sua extinção na sociedade. Alguns autores utilizam o conceito de secularização para explicar as inúmeras modificações no campo religioso atribuídas ao advento da modernidade. José Casanova (1994), por exemplo, aponta para três dimensões utilizadas para falar sobre a secularização: a primeira a vê como o declínio da religião; a segunda, a vê a partir da separação das esferas; a terceira, a entende como a mudança da religião para a esfera privada. O autor, que parece dar preferência à discussão que entende o processo de secularização como a divisão das esferas, faz crítica a Durkheim e Weber, que acreditam na substituição da moral religiosa por uma moral secular (Durkheim) e na dessacralização do mundo (Weber), mas não fornecem a base para pensarmos sobre o conceito de moderno e as consequências dessa modernidade². Para Casanova (1994), além da emergência da ciência moderna, outros três acontecimentos contribuíram para o evento da secularização: o desenvolvimento das forças do capitalismo, a Reforma Protestante e a formação do Estado. É preciso atentar para o fato de que esse processo ocorreu de forma diferenciada em cada lugar do mundo.

A discussão entre fé e razão, que em grande parte legitimou a separação entre Igreja e Estado, ainda hoje serve como arma legitimadora na disputa de várias esferas pelo domínio dos conhecimentos sobre o homem e o corpo. As explicações sobre o que é o ser humano passam a ser vinculadas pelo saber racional. Com isso, a ideia desejada pela Igreja de uma unificação religiosa da humanidade começa a perder força. Inicia-se um processo de desnaturalização do homem, que se coloca acima da natureza e livre de seus desígnios, portanto, livre de Deus.

² Não é objetivo do texto operar com tais conceitos. Eles aqui estão para reproduzir as ideias trabalhadas pelos autores citados.

No entanto, esse processo, em vez de dar fim à religião, abriu caminho para que outras crenças se fizessem presentes. A busca pela fé parece ter-se feito necessária como algo que complementasse aquilo que faltou à razão. Essas mudanças trouxeram à tona a necessidade de novos discursos por parte da esfera religiosa. A Igreja Católica perde o poder de outrora e passa a disputar o monopólio dos bens de salvação com outras religiões. Surgem diversos templos, igrejas, santuários, casas de oração etc. Novos deuses e novas religiões são frutos da sociedade moderna e se encontram intimamente relacionados aos novos modos de vida de grande parte da população. Para Paula Montero (2006), o surgimento dessas novas religiões se deve, em parte, à Reforma Protestante, que abriu caminho para o pluralismo no campo religioso. Pluralismo este “subordinado” a uma racionalidade capaz de criar consensos que possibilitam a comunicação e o compartilhamento do mundo. Para Habermas (1999), a essa razão deve ser inerente a constatação de que as crenças variam.

Se as crenças variam, os modos de ver e de pensar o “mundo” também vão se diferenciando em decorrência de tais variações. Assistimos ao longo do tempo a inúmeras mudanças na esfera religiosa e, dentre elas, a relação entre o sujeito e seu corpo ocupam lugar central. As mudanças na esfera religiosa dizem muito a respeito das mudanças visíveis nos corpos humanos nos diversos períodos e lugares. Por trás de cada gesto, desde a época do feudalismo até o século atual, é possível observar um tipo de educação que teve, ou tem, vínculo com a esfera religiosa, até mesmo no ambiente escolar. Mesmo na contemporaneidade, as religiões exercem poder normativo sobre os corpos, que são educados e marcados por práticas religiosas diversas. A diferença é que se antes a Igreja possuía o monopólio das regras sobre os “usos do corpo”³ e da alma, e hoje ela disputa o domínio com outras esferas do saber. As clínicas, as escolas, os clubes etc. entram na disputa pelo agenciamento dos corpos e “cuidados de si”. Afinal, os

³ O termo “uso do corpo” faz referência ao sentido dado por Marcel Mauss (2003), para o qual o corpo é o primeiro instrumento do homem. Mas, ao contrário da compreensão utilitarista a que o termo “uso do corpo” possa remeter, o importante no conceito do autor é que estes diferentes usos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos.

profissionais que trabalham nestes e em outros locais do mesmo gênero (psicólogos, esteticistas, nutricionistas, professores de Educação Física e outros) elaboram discursos que ditam “normas” sobre como se portar em relação aos aspectos corporais. Com isso é possível perceber que não somente a natureza se dessacralizou, mas todo e qualquer objeto, até mesmo o corpo humano (FENSTERSEIFER, 2001).

Um bom exemplo para ilustrar tais ideias está relacionado à compreensão da noção de beleza corporal. Baseando-se na racionalização dos corpos, enfraquecem-se ideias do tipo “a verdadeira beleza é aquela dada por Deus”. A beleza não depende mais da vontade divina, e sim dos métodos científico-tecnológicos empregados no corpo. A racionalização parece conduzir a certa homogeneização de determinados padrões corporais e, por isso, não é mais “permitido” ser “feio”, “fraco”, “gordo” etc. Para Paulo Fensterseifer (2001), não é de estranhar que o corpo seja suscetível a ser “reformado”, “consertado”, melhorado etc. O pensamento moderno vem mostrar, principalmente às mulheres, que se no quesito beleza elas foram esquecidas por Deus, a “fé” na ciência pode dar-lhes uma “mãozinha”.

Diante de tais mudanças no trato e no sentido atribuído aos corpos, proponho algumas reflexões a respeito do tema e de sua relação com a esfera religiosa. Cito, a seguir, alguns exemplos que – apesar de não ser um relato histórico ou possuir cronologia organizada – servem para ilustrar e permitir a elaboração de uma reflexão mais ampla.

3. A PRESENÇA DA RELIGIÃO NA VIDA COTIDIANA

Se antes os preceitos sobre a alma eram priorizados pela Igreja, na contemporaneidade, com as mudanças na esfera religiosa, apesar de se manterem os ensinamentos sobre a salvação da alma, o corpo pode ser considerado o alvo principal para algumas crenças. É o corpo quem precisa de cuidados e

vigilância. A crença de que o corpo (carne) é passageiro e somente a alma é imortal atribui a ele à sujeição dos pecados e tentações. Sendo assim, o corpo continua no lugar marginal e, justamente por isso, ele precisa de mais atenção por parte do grupo religioso. Afinal, o corpo não deve colocar a alma em risco (RIGONI, 2008).

Para aquele que é religioso ou compartilha um sentimento desse gênero, o corpo sempre foi submetido aos desígnios divinos. Desígnios estes que sempre foram diferenciados para “homens” e “mulheres” e, no que diz respeito a certo tipo de “ditadura corporal”, sempre focaram mais nas segundas do que nos primeiros. Os exemplos a seguir não trazem nenhuma novidade, mas seus apontamentos podem ser produtivos quando o objetivo é justamente formular uma breve “visualização mental” do cenário ilustrado ao longo do tempo.

Carlos Bauer (2001) esclarece que já na época do feudalismo, e continuando até o século XIII, a mulher era acusada de heresia, pois essa era uma maneira de torná-la imperfeita e, assim, impedi-la de executar as mesmas funções do homem, uma vez que isso poderia ser perigoso. O autor nos mostra alguns adjetivos atribuídos à personalidade feminina por um bispo germânico na Idade Média. Para ele, as mulheres eram perversas, luxuriosas, impulsionadas naturalmente para a fornicação e, devido à sua fragilidade ante os perigos da carne, exigia da moral cristã uma aguda desconfiança com relação ao prazer.

Ainda entre os séculos XII e XIII, a mulher que desejasse estudar, se tivesse condição financeira necessária e a permissão do pai, deveria ir para o convento, receber o auxílio pedagógico das freiras (BAUER, 2001, p. 34), o que garantia uma instrução com base na devoção a Deus e na prática dos bons costumes. Qualquer outra forma de educação – não religiosa – sugerida à mulher era contestada pela Igreja, que desconfiava de sua “natural” associação ao pecado. Sem ter direito a vida pública, é compreensível que a religião ditasse os gestos e comportamentos das mulheres, enquanto os espaços públicos destinados aos homens moldassem o comportamento masculino.

Por volta do século XVII, incorpora-se ao imaginário social a ideia de que para vivermos em sociedade e sermos civilizados era preciso reprimir nossos impulsos, controlar nosso corpo, demonstrando que havia algo (alma) superior e que

detinha o poder de controle sobre ele. Nesse caso, corrigir os defeitos do corpo passou a significar também a correção dos defeitos da alma. Carmen Soares e Alex Branco Fraga (2003) e, também, George Vigarello (2003) comentam que a postura moral dependia da postura corporal. Foi justamente com base nesse conceito que, nos séculos XVIII e XIX, se fortaleceu ainda mais a ideia de educação do corpo.

Desde o início da Idade Média a diferença entre homem e mulher foi afirmada com base em seus corpos. A importância da mulher estava justamente em seu órgão reprodutor. Já no final do século XIX e início do século XX, embora o discurso médico reconhecesse a necessidade do prazer feminino, fazia-o subordinado à procriação. Ainda que métodos contraceptivos tenham alterado a trajetória da mulher, ela não deixa de ser vista por sua sexualidade, uma vez que agora os aspectos referentes à sensualidade e ao prazer são levados em conta. Inicia-se o apelo à estética, aos corpos “belos”, enfim, à beleza como símbolo de sensualidade e desejo. Somente mais tarde, após algumas décadas, o corpo masculino entra em evidência. Seus músculos e, principalmente, seu desempenho sexual se configuram como alvo no “mercado do corpo”.

A partir da metade do século XX, os novos profissionais da beleza não se preocupam mais em reforçar os laços entre a dignidade moral e a beleza em seus manuais (SANT’ANNA, 2005). Mesmo não sendo completamente aceito pela moral religiosa, o ato de agir sobre o próprio corpo é bastante estimulado. A fé ainda é importante, mas é paulatinamente compensada por uma “sociedade do capital”. O fortalecimento da ideia de “consumo” afeta a mulher através do aumento do apelo estético, que tende a erotizar cada vez mais o corpo, principalmente o feminino.

Mary Del Priore (2000) diz que, no decorrer do século XX, a mulher se despiu. A preocupação anterior de salvar a alma é substituída, em grande parte dos casos, pela preocupação de salvar os corpos da desgraça da rejeição social. Para a Igreja, isso significava alterar a obra do Criador, que modelou seus filhos à sua imagem. Mas, “apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis ser ou fazer-se bela. Se a Igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura lhe incentivava a forjar os meios para transformar-se” (DEL PRIORE, 2000, p. 29). Isso de-

monstra que mesmo a Igreja detendo certo poder sobre os fiéis ela não impedia a preocupação com a aparência. As mulheres já desejavam ser belas, e talvez por isso representassem o perigo para a Igreja, que as associavam a um instrumento do pecado e das forças obscuras e diabólicas (DEL PRIORE, 2000).

A partir das mudanças na configuração da esfera religiosa, na qual a separação entre Igreja e Estado associada a uma ideia de liberdade de crença gera a pluralidade religiosa, e onde a discussão entre fé e razão se intensificam no âmbito da ciência moderna, os discursos sobre o corpo vão, conseqüentemente, se alterando. Numa tentativa de deixar uma história marcada pela repressão para trás, parte da sociedade (não sem a militância feminina) prega a liberdade do corpo e, principalmente, a emancipação da mulher. Mas, ao contrário de assistirmos à completa libertação, o que pudemos notar foi a multiplicação de discursos sobre o sexo e, conseqüentemente, sobre o corpo (FOUCAULT, 1985). Discursos carregados da falsa ideia de liberdade ocultam outro tipo de dominação, seja aquela a que se refere Sant'Anna (2005), sobre termos o *direito* de nos mostrarmos, seja, acima de tudo, termos o *dever* de sermos sempre jovens e belas.

De certa forma, a luta pelos bens de salvação no campo religioso precisa produzir discursos que sejam adequados às necessidades e aos desejos determinados pela época contemporânea. É nesse sentido que muitas das diversas religiões surgidas e estabelecidas no último século não se colocam mais contra a transformação do corpo em prol do embelezamento, pois contrariar tal “necessidade” é colocar em risco a permanência dos fiéis no grupo religioso. A religião, de certa maneira, assume uma postura mediadora, já que não é mais pecado ir contra a “Natureza Divina” se for para se sentir “pertencida” a uma sociedade que prega tais valores. Se antes as regras de beleza eram submetidas a uma moral católica, agora, como afirma Del Priore (2000, p. 11), o tormento das mulheres não é mais o fogo do inferno, e sim a balança e o espelho. Mudam-se os dispositivos de poder e a esfera religiosa deve se adequar aos novos discursos.

Para citar outros exemplos, não somente relacionados ao tema da “beleza”, cito o belíssimo texto “A carne e o verbo”, de Jacques Gleyse (2007, p. 5), sobre como as palavras

agem sobre a carne: “Toda a antropologia nos mostra como aquilo que é dito e construído pela linguagem age sobre o corpo”. Gleyse (2007) cita um exemplo de certas tribos da Melanésia, nas quais existia um mito que visava explicar que a comida do rei era mortal para qualquer outra pessoa. Certo dia, um jovem comera mangas caídas de uma cesta que pertencia ao rei. Quando, dias mais tarde, ele soube que as mangas eram destinadas ao rei o jovem começou a adoecer e não durou mais que uma semana. Para o autor, quaisquer que sejam as causas da morte do jovem, esta foi provocada pela lógica da linguagem. “Foram exatamente as palavras ‘a comida do rei é mortal para outra pessoa’ que agiram sobre a carne, suprimindo-a” (GLEYSE, 2007, p. 5).

O exemplo demonstra o quanto somos frutos da linguagem e, se a morte do jovem foi prescrita pelo verbo, a educação de nossos corpos está intimamente relacionada às tradições orais cotidianas. Dentre estas, sem dúvida, a esfera religiosa é bastante significativa. Rica em oralidade, sermões e lições, as religiões são fontes de linguagem altamente significativas na educação do corpo de seus seguidores.

Outro exemplo relacionado aos “usos do corpo” diz respeito a certo condicionamento da carne quanto ao lado esquerdo e direito. Tal tema foi estudado por Robert Hertz (1980), que, em seu artigo sobre a polaridade religiosa, alertava sobre a preeminência da mão direita como um campo de demonstração, no próprio corpo humano, da diferenciação entre o sagrado e o profano, princípios básicos da religião. O autor demonstra que a simples diferenciação entre a mão esquerda e a direita, longe de ser natural, está carregada de significados culturais. O autor cita exemplos sobre grupos primitivos para os quais o lado esquerdo sempre representava o feminino (ou seja, o impuro) e o lado direito sempre representava o masculino (puro, forte e bom). As relações entre puro e impuro, longe de serem desígnios divinos, remetem à ordem das sociedades que as constroem. Os diálogos entre carne e verbo contribuem para a construção das lógicas e gestualidades corporais intensamente almejadas nos discursos religiosos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos exemplos citados ao longo do texto, é possível perceber como as diversas instâncias presentes no cotidiano, como a mídia, a escola, o grupo religioso, entram em disputa na proposição sobre o que é preciso para alcançar a suposta felicidade. Se antes a religião exercia certo contraponto a perspectivas que forjavam necessidades como a da beleza, por exemplo, hoje ela se reconfigura. A partir do momento em que ela não possui mais o monopólio dos bens de salvação, o campo religioso se dilui e novos agentes entram na disputa pelo agenciamento dos corpos. Isso tende a gerar discursos e crenças variadas, o que explica, por exemplo, o fato de que há religiões mais conservadoras ao mesmo tempo que, em oposição, existem aquelas que possuem espaços em revistas religiosas para dar conselhos sexuais e amorosos na tentativa de manter casamentos.

Nesse sentido, pensar sobre religião é, entre outras coisas, pensar sobre o corpo, sobre suas formas de educação e apreensão do mundo. É claro que se olharmos para as práticas de um grupo, perceberemos que sua educação não é o resultado de um modelo construído unicamente pela religião. O corpo é construído na interação das diversas esferas da vida cotidiana, em seus diversos lugares e contextos. Por isso é preciso compreender como os sujeitos agem nas ações cotidianas, adquirindo práticas e costumes que se tornam observáveis no corpo e nos gestos de cada fiel.

Enfim, o presente texto é uma tentativa de dar visibilidade a algumas reflexões sobre corpo e religião no mundo contemporâneo. Corpo e religião que fazem parte de um processo dinâmico e ativo. Corpo e religião que agenciam e são agenciados em uma relação de mão dupla e intersignificativa, mas que, além disso, não podem ser pensados de maneira separada das outras diversas instituições que influenciam sobremaneira a relação entre ambos.

A BRIEF ESSAY ABOUT BODY AND RELIGION: RELATIONSHIPS AND TRANSFORMATIONS ALONG THE HISTORY

ABSTRACT

This article, in the form of an essay, aims at reflecting on some issues that permeate the relationship between “body and religion” in the contemporary world. In order to picture some studies that emerge at the current academic scenario, we have put together a small sample of examples related to the inmost relationship between body and religion along the history. The intention was to demonstrate how, in general, both of these concepts – normally analyzed in different ways and distant from each other – must be thought of as an intertwined phenomenon, which transforms themselves simultaneously, as an outcome of this transformation in their own interior, but that also depend on and define themselves from other spheres and institutions.

KEYWORDS

Body. Religion. Religious education. Relation. Transformations.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. *Razón y Palabra: Deporte, Cultura y Comunicación*, 14, n. 69, p. 2-11, jul./ago. 2009.

BAUER, C. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASANOVA, J. *Public religion in the modern world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.

FENSTERSEIFER, P. E. *A educação física na crise da modernidade*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GLEYSE, J. A carne e o verbo. In: SOARES, C. *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas, SP: Autores e Associados, 2007, p. 1-21.

GOMES, A. M. A. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. *Rever – Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 1-38, 2006.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 1999.

HABERMAS, J. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 99-128, 1980.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 1999.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos*, n. 74, p. 47-65, mar. 2006.

RIGONI, A. C. C. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a educação física escolar*. 2008. 162 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

SANT’ANNA, D. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

SOARES, C.; FRAGA, A. B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes as carnes humanas alinhadas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 77-90, maio/ago. 2003.

VIGARELLO, G. A história e os modelos do corpo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 21-29, maio/ago. 2003.

Recebido em maio de 2014.

Aprovado em outubro de 2016.